

CIDADANIA ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Ana Karoline Barbosa¹

RESUMO

Quando olhamos para uma geração que nasceu em meio aos computadores e smartphones é necessário que o processo de educação desses jovens acompanhe esse ritmo novo e dinâmico dessa sociedade conectada. Pesquisas antes feitas em grandiosas bibliotecas hoje podem ser feitas com alguns *clicks* no celular ou computador. Livros são folheados através das telinhas e alcançar essa geração é um desafio que só pode ser vencido através da adaptação dos métodos educacionais. O presente artigo é um ensaio inicial em um percurso de pesquisa sobre educação e comunicação como parte fundamental na construção de um jovem cidadão. Partindo da conceituação dos termos educação (SOARES, FREIRE, GÓMEZ), comunicação (SODRÉ, SANTAELLA, FRANÇA) e cidadania (BARBERO), procuro encontrar pontos de aproximação entre o processo educativo e o processo comunicativo desses sujeitos. Sob o olhar relacional (FRANÇA, 2016) proponho uma educação libertadora que se dá através de uma comunicação dialógica criando ambientes propícios para a cidadania.

Palavras-chave: educação; comunicação; cidadania.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um tema recorrente dentre os eventos de comunicação devido ao cenário tecnológico atual é como a comunicação pode dentro do processo educacional contribuir com a construção de um sujeito como cidadão apropriado dos meios e ativo no ecossistema comunicativo. Pensar este cenário, sob a perspectiva das interconexões, comunicação e educação, significa entender que, entre a produção e recepção há um espaço em que os discursos de saber e poder (FOUCAULT, 2014) se concretizam no cotidiano. Este espaço em que os sujeitos se confrontam e mostram suas subjetividades, através das relações sociais e

¹ Publicitária formada pela Faculdade Estácio do Pará. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFPA), e-mail: akfigueiredo@gmail.com.

da interação com a escola, constroem novas possibilidades de subjetivação e capacidade criativas do conhecimento.

O dispositivo escolar segue uma ordem disciplinar, que pode ser observado através da estrutura panóptica (FOUCAULT,1972), onde a disciplina tem por objetivo criar corpos “dóceis” e funcionais para a manutenção de um sistema repressivo e normatizador. Cria assim uma estrutura comum, independente do espaço em que ela está localizada, afinal a pergunta chave não é mais sobre se são ou não desejáveis as novas tecnologias, por exemplo, no campo educativo, mas sobre os modos específicos de incorporação da tecnologia nestas e em outras esferas da vida. (GÓMEZ,1999, p. 58). E dentro dessas novas tecnologias o papel da comunicação se faz central para os processos. A proposta entre comunicação e educação é de uma relação dialógica em que os educandos e os educadores sejam agentes ativos no processo de aprendizagem transformando constantemente a realidade. A comunicação faz o papel fundamental nesse processo visto que ela exige ação. A educação precisa ser uma troca de conhecimentos em que o aluno ou a aluna sintam liberdade de se expressar e que a aula seja um processo de constituição e não apenas absorção de conteúdos pré-estabelecidos, mas que exista liberdade para discussões em sala sobre assuntos que possam ser ligados ao dia a dia deles.

De acordo com o explanado até aqui se faz importante traçar um paralelo entre a comunicação e a educação. Este estudo visa fazer uma revisão bibliográfica sobre ambos os temas na tentativa de identificar os pontos de tangenciamento entre eles. Para tal análise proponho uma abordagem relacional (FRANÇA.2016) que explore a comunicação e a educação como parte constitutiva do sujeito

Para traçar essa relação é preciso estabelecer o papel da escola que então assume os desafios culturais e políticos da sociedade em que alunos, alunas e professores estão inseridos. Não se pode então pensar no aluno ou na aluna como apenas um jovem ou uma jovem que vai até a escola para assistir aulas e realizar provas, mas também perceber e trabalhar o contexto em que se inserem. O comportamento dos jovens cobra hoje da educação uma mudança para acompanhar e então dialogar com os alunos e as alunas, ultrapassando as barreiras estabelecidas em que a educação deve construir sujeitos úteis economicamente, para romper isso é preciso pensar nesse ser social, como afirma Martín-Barbero

Somente assumindo os meios como dimensão estratégica da cultura hoje é

que a escola poderá interagir, em primeiro lugar, com os novos campos de experiência surgidos da reorganização dos saberes, dos fluxos de informação das redes de intercâmbio criativo e lúdico; pelas hibridizações da ciência e da arte, do trabalho e do ócio. E em segundo lugar, com os novos modos de representação e ação cidadãs que a cada dia são mais articuladores do local com o mundial. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 53)

E é nesse assumir os meios como constitutivos de um pensamento disruptivo tratados pelo autor que o papel da comunicação ganha ainda mais peso no processo educacional e na construção do sujeito. Para tal observação, gostaria de localizar quem são esses sujeitos afetados diretamente por essas mudanças culturais que envolvem os saberes e as formas de comunicar.

O JOVEM ALUNO DE HOJE

No decorrer da minha vivência com jovens de duas escolas da rede estadual situadas uma no conjunto Maguari e outra no conjunto Tenoné, ambas em região periférica de Belém, percebi que muitos não compreendem como a comunicação influencia diretamente no processo educacional e por esta razão penso que atividades que visem o desenvolvimento dos processos comunicacionais se fazem essenciais e relevantes para construir seus discursos.

Trato neste artigo o foco da minha dissertação ainda em construção que são adolescentes pertencentes em sua maioria a geração Z² também conhecidos como nativos digitais, nascidos a partir da década de 2000. Esse jovem nasce quando os computadores já estão popularizados e a banda larga cresce em ritmo disparado.

Para pensar nesse jovem que frequenta a escola pública, foco da minha pesquisa, mora em uma região periférica e que em grande parte tem na escola o único ambiente de discussão é preciso compreender o conceito de jovem

como um marcador de diferença social assinalado pela fluidez e pelo reconhecimento e busca da construção de si e dos outros, também em situação relacional. Jovens se tornam juventudes a partir do momento que estão organizados em torno de objetivos comuns, como preferências musicais, escolhas profissionais, hábitos de consumo, o que não anula suas diversidades individuais e que lhes são próprias, como seres humanos e agentes sociais que assim o são (VIEIRA, 2014, p 189).

² Reportagem *Esqueça os millenials: a geração Z vem ai*. Matéria completa disponível em <<https://exame.abril.com.br/economia/esqueca-os-millenials-a-geracao-z-vem-ai/>> acesso em 15/07/19

Para ilustrar e fazer um comparativo vamos pensar em uma geração anterior - a minha, por exemplo: nasci em 1992 e lembro de aos 13 anos ter em casa o primeiro contato com internet em um computador que parecia uma televisão daquelas antigas de tubo. A internet era discada e demorava horas para conseguir completar uma tarefa.

Já minha irmã, nascida em 2004, aos 10 anos já possuía um celular com internet, câmera e nossa internet era *wi-fi*. Temos 12 anos separando nossas experiências de idade vs tecnologia e as diferenças de convivência com o ciberespaço são muitas. Existe também a geração dos meus pais, ambos professores, nascidos na década de 70 em que não tinham nada do que eu e minha irmã tivemos. Essa distância de experiência tecnológica é a realidade de muitos professores da rede estadual de ensino, que vivem hoje em um mundo “novo”, para o qual muitas vezes não foram preparados.

A contemporaneidade carrega não apenas atualizações tecnológicas, mas novos comportamentos quanto à relação homem vs dispositivo compreende a formação identitária de um sujeito na quotidianidade on e off line, onde impera a liquidez dos cenários (BAUMAN, 2001). Em 1960, Marshall McLuhan apresentou suas teorias sobre as tecnologias, em que os meios tecnológicos são uma extensão do corpo humano que ampliam as capacidades do homem, ou dos próprios sistemas e instrumentos criados pelo homem, para além de si. Hoje com os dispositivos móveis fica claro o quanto temos nosso celular, por exemplo, como uma parte nossa. Com a possibilidade da internet nos smartphones temos o “mundo” todo na palma da mão, isso pode mudar nossa maneira de lidar com o dia a dia, e principalmente em como guardar as informações.

O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. [...] Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em ‘níveis’, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes ‘superiores’, a partir de agora devemos preferir a imagem em espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa posição singular e evolutiva (LÉVY, 1999, p. 158).

Este contexto acelerou exponencialmente os processos de leitura e escrita, reconfigurado com a facilidade de exposição dos pensamentos que emergiram com as mídias digitais, mudando o processo de representar e significar o mundo, o que vem influenciando diretamente o processo de aprendizagem. A escola não é apenas um lugar físico, ele precisa

acontecer o tempo todo assim como o mundo online (FIGUEIREDO e OLIVEIRA, 2017, p. 9)

Toda essa mudança altera também a forma de interagir com o mundo, seja como espectador ou como ator no processo. E é justamente nesse momento que se faz necessária a relação entre comunicação e educação aliada à visão do professor como mediador o que Martha Gabriel chama de professor interface

se no modelo educacional tradicional a principal função do professor é de provedor de conteúdo, no cenário tecnológico atual, em que o conteúdo e as informações são amplamente disponíveis a todos e não precisam mais ficar armazenados em nossos cérebros, o papel do professor muda drasticamente, embora não deixe de ser importantíssimo (...) Portanto, apesar de os estudantes terem tudo a disposição saber como articular e validar requer aprendizado. Assim o professor que antes funcionava com um filtro de conteúdo, passa a ter um valor essencial como interface, para auxiliar a navegação no mar de informações. (GABRIEL, 2014, p. 104)

Com base nisso é preciso questionar como a educação pode preparar os jovens para o mercado de trabalho e vida externa, não apenas com conceitos ditados em livros, mas tangenciar a comunicação e educação com as experiências que se fazem presentes no dia a dia desse jovem cada vez mais impregnados de saberes múltiplos, fluidos, participativo e furiosamente velozes.

POR QUE EDUCAÇÃO + COMUNICAÇÃO E NÃO EDUCOMUNICAÇÃO?

Durante a graduação desenvolvi o projeto educacional Tô Ligado que versava sobre trabalhar as ferramentas da comunicação dentro das percepções do audiovisual, fotografia, produção textual entre outros, sobretudo para ajudar no processo educacional e colaborar na instigação de um olhar crítico dos jovens quanto a mídia. Durante um ano de desenvolvimento do projeto, pude perceber que, apesar do discurso de insatisfação (re)produzido nas oficinas, grande parte dos jovens não possuía argumentos para lutar por suas causas, seja a melhoria em sua escola ou por movimentos como feminismo e indo além de não acreditar que seria possível uma mudança em sua escola ou em (seu) mundo.

Quando falamos sobre educação e comunicação é comum remeter ao termo educcomunicação que surgiu em 1970 como explica o pesquisador e escritor Brasileiro Ismar Oliveira Soares em uma entrevista ao portal UOL disponível no site do Núcleo de

Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo

A educomunicação vem surgindo desde a década de 1970 para representar todo esforço feito pela sociedade na defesa de causas como as dos indígenas. Ela vem surgindo na América Latina por meio de grupo de pessoas que se reúnem para usar os recursos da informação na defesa de seus interesses a partir da perspectiva freiriana da comunicação dialógica. Então, a educomunicação é praticada, inicialmente, por professores do meio ambiente, por exemplo, que começam a usar tanto a rádio comunitária quanto o vídeo e outras formas de mobilização como teatro, música, vídeos, formação de grupos para a defesa do meio ambiente. A educomunicação deu um novo sentido para a prática comunicativa neste contexto. Em vez de a prática comunicativa estar a serviço, por exemplo, da indústria cultural, de ser regida pela indústria cultural, ela passava a ser regida pelos objetos educativos. (SOARES, 2009)

Mais de 40 anos após a criação do termo é crescente a sua utilização pela necessidade de aproximação entre o aprendido em sala de aula e a realidade dos alunos, onde os tradicionais dispositivos disciplinares não são mais única fonte de informação para os jovens. O termo educomunicação pensa um conjunto de ações que objetivam ampliar e qualificar a capacidade de expressão, melhorar a comunicação interna e externa nas escolas e desenvolver o espírito crítico dos conteúdos expostos nos meios de comunicação.

Porém, o proposto nesse artigo, é de certa forma, a separação dos conceitos de educação e comunicação, contribuem para então compreender em quais pontos coincidem, e apontam não para se tornarem um, mas para juntos refletirem a construção do sujeito.

Um olhar sob a educação libertadora

Começo essa discussão com a importância de se distinguir ensino e aprendizagem. A educação tradicional foca no ensino como meta e regulação, alunos e alunas que aprendem conteúdo passados por professores de livros escritos há muito tempo e que têm por obrigação reproduzi-los em testes escolares, o aprendizado por sua vez compreende que o processo de cada aluno e aluna é único e composto por diversos influenciadores externos, ele ou ela vai até sua sala de aula com uma bagagem de vida, experimentações e relações.

Sempre estamos na possibilidade de aprender, mas nem sempre estamos na possibilidade de ensinar. O ensino é restrito, a aprendizagem é aberta, quase

interminável. O aprender não depende unicamente do ensinar, pois se aprende de muitas maneiras: pela descoberta, pela tentativa e pelo erro, tanto ou mais do que como resultado de algum ensinamento. A escola, que se apropriou da hegemonia da educação por meio da instrução, opõe-se a que outras instituições também promovam o educativo. (GÓMEZ, 2014, p.25)

É preciso pensar então em uma educação, ou forma de ensinar diferente, em que seja possível que o aluno consiga trazer os conceitos de sala de aula para vida diária. A proposta educativa é de uma relação dialógica em que os alunos, alunas e os professores sejam agentes ativos no processo de aprendizagem transformando constantemente a realidade. A comunicação faz o papel fundamental nesse processo visto que ela exige ação.

A comunicação antes, no modelo tradicional, era vista apenas como um processo de emissão e recepção, em que o receptor era passivo, ignorando que a construção do mundo se dá pela constituição de um mundo comum pela ação, ou seja, uma construção social da realidade. (FRANÇA,2003) E é nessa construção que a comunicação se configura como ação. Situada no centro da vida social, deixando de ser apenas um recorte, para se tornar um panorama geral e norteadora da construção da vida social, atividade essa que gere a objetividade do mundo e a subjetividade do homem.

A educação precisa ser uma troca de conhecimentos em que o aluno sinta liberdade de se expressar e que a aula seja um processo de constituição e não apenas absorção de conteúdos pré-estabelecidos, mas que exista liberdade para discussões em sala sobre assuntos que possam ser ligados ao dia a dia deles. Visando assim incentivar as vozes sociais e a construção do aluno como cidadão. A comunicação estimula um senso crítico e qualifica a produção de conteúdo dos jovens nas redes sociais online e offline. Fazendo assim do jovem um corpo consciente.

Sua consciência, ‘intencionada’ ao mundo, é sempre consciência de em que permanente despego até a realidade. Daí que seja próprio do homem estar em constantes relações com o mundo. Relações em que a subjetividade, que toma corpo na objetividade, constitui, com esta uma unidade dialética, onde se gera um conhecer solidário com o agir e vice-versa. Por isso mesmo é que as explicações unilateralmente subjetivistas e objetivista que rompem esta dialetização, dicotomizando o indicotomizável, não são capazes de compreendê-lo (FREIRE,2015, p. 98).

Paulo Freire (1977) vê o processo de educação como dialógico, e o diálogo como

empenhar-se para a transformação da realidade. Remetendo então para a reciprocidade, não existiria um sujeito passivo, eles se relacionam. Assim é possível pensar a comunicação como um espaço de diálogo não apenas dos que concordam, mas um diálogo na diferença.

Essa educação proposta por Freire (2018) tem como objetivo educar para a decisão, para a responsabilidade social e política. Através disso educara para resistir a civilização industrial que pensa esse educando como parte da engrenagem apenas. Tirando o homem e mulher da posição quietista e da verdade comum e estimulando-os a investigação, inquietude, criticidade e conseqüentemente maior racionalidade

O jovem pode mudar seu ambiente, reivindicar melhoras e possuir argumentos para seus questionamentos. Em uma escola de moldes tradicionais em que o aluno e a aluna apenas têm voz quando o professor permite e ainda sim é muitas vezes “podado”. Educação dialógica é resistir, resistir através da comunicação.

Comunicação como diálogo

Cicilia Peruzzo defende a partir das ideais de Paulo Freire uma comunicação como direito humano, a comunicação não é isolada, mas sempre acompanhada de uma ação. É possível através dela perceber o que está a sua volta para então ter o poder de transformar. A educação seria, portanto, através da comunicação uma forma de conscientizar e desenvolver a cidadania. O que nos leva a então pensar em uma educação dialógica, que prevê uma construção coletiva do indivíduo e seu conhecimento. Essas relações subjetivas entendem

que o conhecimento advindo do modo coletivo e dialógico de atuar é a base facilitadora da conscientização sobre a própria existência e realidade local, além de abrir caminhos para a construção de processos organizativos, comunicativos, comunitários e a criação de sistemas de informação (PERUZZO, 2017, p. 3)

O processo de aprendizagem precisa então compreender a possibilidade de ser construído em um trabalho criativo, não apenas de reprodução de conteúdo passado por professores e provenientes de livros didáticos muitas vezes ultrapassados. O estudante hoje é fluido, construído como sujeito pelas diversas relações dentro e fora da escola. Ele produz saberes, multiplica-os e constrói suas próprias narrativas, e é exatamente neste ponto que o conflito entre educador e educando pode ser pensado a partir da comunicação;

(...) a tarefa do educador não é a de quem se põe como sujeito cognoscente diante de um objeto cognoscível para, depois de conhecê-lo, falar dele discursivamente a seus educandos, cujo papel seria o de arquivadores de seus comunicados. A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. (FREIRE, 2015, p. 89)

Pensar a comunicação e perceber os discursos a permeiam, a educação é um direito, mas é construída de discursos que disciplinam, controlam, modificam apropriando através destes saberes e poderes (FOUCAULT, 2014). Olhar o papel da comunicação no processo educacional é perceber que ela pode docilizar, mas também é através dela que se pode resistir, através dos discursos, das produções de subjetividades e da criatividade.

A comunicação tem o poder de abrir caminhos para o criativo e é exatamente nesse solo criativo que o jovem pode criar seus discursos a partir da sua realidade, do seu mundo. Só que essa comunicação mudou, é diferente da época em que os professores eram jovens, ela hoje é mais veloz, acessível, urgente. Com isso as relações sociais mudaram, e aqui é preciso ressaltar que as relações sociais se constroem na comunicação, se fortalecem nela e também se rompem através dela. É necessário então ver a comunicação como uma ação, ativa, dialógica.

Comunicar é a ação de sempre, infinitamente, instaurar o comum da comunidade, não como um ente (por exemplo, uma agregação ou um conjunto de sujeitos), mas como uma vinculação, portanto, como um nada constitutivo, pois o vínculo é sem substância física ou institucional, é pura abertura na linguagem. (SODRÉ, 2007, p. 21)

Nessa ação se constrói o sujeito, portanto, a comunicação é um processo educativo. Á medida que ela é feita de forma atenta e consciente o aprendizado se solidifica, usando as ferramentas comunicação para tornar o processo criativo e participativo. Consciente. É possível perceber então um sujeito de multiplicidade, uma subjetividade que é “distribuída, socialmente construída, dialógica, descentrada, múltipla, nômade, situada, inscrita na superfície do corpo, produzida pela linguagem etc.” (SANTAELLA, 2007, p.86). Em que a comunicação precisa também ser vista como vínculo primordial humano, cuja base é a intersubjetividade.

Mas é apenas depois de entender a escola como dispositivo disciplinar e perceber que

“as ideias que circulam em uma sociedade são aquelas procedentes da classe dominante” (DALMONTE, 2002, p.71) que podemos pensar em uma comunicação objetivando a cidadania, a construção do jovem como sujeito.

Pensando então sociedade pela mesma perspectiva de Mead, já retratada por Vera França, que é construída não apenas por indivíduos, mas por uma cadeia de ações que se tecem na interação, nas relações, na comunicação, “que se inscreve na sua descrição do ato social, e diz respeito aos gestos que se realizam” (FRANÇA,2008, p. 75).

Mead teceu correlações entre experiência e as condições que ela se reproduz (FRANÇA. 2008) para o autor a sociedade não é algo exterior, total e alheio aos indivíduos, ela existe em coabitação, em cooperatividade com os membros, daquilo que é comum, partilhado, membros estes que através da personalidade social pode se colocar no lugar do outro e compreender todo um mundo ao seu redor.

O processo social acontece, no gesto, que requer resposta, que interage, que constrói criativamente, nesse estar junto. E nesse estar junto, interagir é que comunicação e educação se tocam e podem caminhar para algo além do disciplinado, docilizado.

CIDADANIA NO DIA A DIA

Desde 2014, o UNICEF³ entende a participação cidadã dos jovens como um dos três eixos centrais da metodologia proposta para contribuir com a superação das desigualdades nos grandes centros urbanos brasileiros. Essa participação cidadã pode ser construída através do diálogo entre comunicação e educação que ultrapassa a transferência de saber e promove uma intercessão de subjetividades para (re)significações (FREIRE, 2015).

Para a utilização dessa educação que dialoga com a comunicação, é preciso que este tenha como ponto de partida a realidade do sujeito, que seria então uma educação focada no processo “o que envolve também a expectativa de transformação das pessoas e da realidade social” (MÁRQUES e TALARICO,2016, p 430). Essa educação com ênfase no processo é onde se dá a relação com a comunicação por meio de ferramentas interdisciplinares que é possível pensar uma educação alinhada com os processos comunicacionais para a transformação de realidades e maior compreensão do mundo social e político. Ela é então

³ Fundo das Nações Unidas para a Infância, em inglês "United Nations Children's Fund"

“um espaço do agir coletivo, voltado essencialmente para a cidadania e além da lógica do mercado” (SOARES, 2013, p. 185).

É dentro desse contexto que este artigo propõe pensar a comunicação para potencializar o processo educacional, formação cidadã e construção do pensamento crítico do aluno de ensino médio utilizando, por exemplo, técnicas como produção de roteiros, captura de imagens, captura de som, produção audiovisual, teatro e desenvolvimento da leitura crítica da mídia para ampliar a capacidade de expressão subjetiva e assim desenvolver o espírito crítico quanto aos meios de comunicação, fortalecendo o ecossistema comunicativo através da teorização da educação e comunicação que faz utilização criativa das tecnologias. Visto que através das construções desses ecossistemas comunicativos que o aluno constrói seu eu como cidadão, como ser humano e como futuro profissional. Trabalhar a comunicação e a educação é preparar esse jovem para ser consciente e ativo no mundo atual.

Tendo a comunicação como uma ferramenta do para esse jovem ver uma possibilidade de ler o (seu) mundo e através disso democratizar a produção cultural, aquilo que Freire chama de re-escrita do mundo (FREIRE, 2000). Diante desse panorama, proponho pensar este artigo como uma inicial provocação da possibilidade de um dispositivo de resistência frente aos modelos tradicionais de educação criando condições de possibilidades históricas para a produção de um saber-poder que ative rupturas próprias para novos meios de consumo de informação. Essas narrativas construídas a partir da comunicação possibilitam ao jovem ser sujeito e narrador de sua história.

É através do desenvolvimento de espaços como os discutidos aqui, que o jovem pode manifestar seu “eu” cidadão e que as instituições educativas, com todas as suas precariedades podem reconstruir sua capacidade de socialização (MARTÍN-BARBERO, 2014) instigando a mudança no olhar e na forma com que eles interagem com o mundo vendo “a Comunicação como um direito e como um dos pilares centrais de uma sociedade democrática, onde todas as pessoas devem ter voz e com ela se expressar livremente, inclusive as crianças e os adolescentes. “(VOLPI e PALAZZO, p. 13, 2010). Em teoria, então, o jovem pode mudar seu ambiente, reivindicar melhorias e possuir argumentos para seus questionamentos através da comunicação sendo assim o jovem um corpo consciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão dos conceitos de educação e comunicação apresentados neste artigo me levaram à reflexão quanto às possibilidades de ver ambos dentro do ambiente escolar como forma de construção recíproca de subjetividades. Percebendo então como a escola cria significado e ressignifica a partir das alunas e alunos, que podem incorporar discursos já existentes, mas que também resistem a partir de suas próprias ideias e construção de mundo com a comunicação.

As barreiras para reconhecer o poder acreditando, principalmente, que todos os dispositivos podem funcionar em prol de um bem maior são grandes, na missão de formar alunos, por vezes a escola esquece de formar seres humanos. A resistência parte da consciência desse processo e nada mais é do que um sutil estímulo no despertar para uma educação dialógica e construída em cooperação entre todos os atores de ecossistema comunicativo e completamente interligado que é a vida hoje.

Existe na comunicação potencial para as transformações significativas principalmente no modo de pensar esse sujeito. A educação precisa ser uma troca de conhecimentos, uma ação, em que o aluno sinta liberdade de se expressar e que a aula seja um processo de constituição e não apenas absorção de conteúdos pré-estabelecidos, mas que exista liberdade para discussões em sala sobre assuntos que possam ser ligados ao dia a dia deles.

Embora, a comunicação seja uma excelente ferramenta para a promoção da educação transformadora e emancipadora, ela só é possível e eficaz a partir do trabalho de agentes participantes e humanistas, no caso, os educadores e os educandos, portanto, para que as práticas educomunicativas modifiquem o indivíduo, ela precisa ser exercida por cidadãos que acreditem nessas ações comunicativas, assim, os agentes envolvidos acreditam no seu poder e voz social.

Vejo na escola o potencial para transformações significativas principalmente no modo de pensar esse sujeito, que construído de suas relações sociais de poder, pode ou não compreender o lugar que ocupa e indo além escolher ocupar outros lugares. A educação precisa ser uma troca de conhecimentos em que o aluno sinta liberdade de se expressar e que a aula seja um processo de constituição e não apenas absorção de conteúdos pré-estabelecidos, mas que exista liberdade para discussões em sala sobre assuntos que possam ser ligados ao dia a dia deles.

Proponho então essa reflexão inicial exposta até aqui sobre como pensar a educação através da comunicação, nos espaços de construção do sujeito, e compreendendo essa ordem dialógica, que prevê a ação, relação, interação. A comunicação implica na ação do outro, assim como a educação deve implicar, não condicionando, mas libertando. Promovendo espaços de troca, relação, construção e desconstrução mútuas.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar; Edição: 1ª, 2001.

DALMONTE, Edson F. **Estudos culturais em comunicação: da tradição britânica à contribuição latino-americana**. In: Idade Mídia, São Paulo, ano I, n.2, nov/2002, p. 67- 90.

FRANÇA, Vera Veiga. Interações comunicativas: a matriz conceitual de GH Mead. In: PRIMO, A et al. **Comunicação e Interações** - Livro da Compós. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 71-92.

_____, **L. Quéré, dos modelos da comunicação**. In: Revista Fronteiras, v. 2, n.2. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

_____, **O objeto e a pesquisa em comunicação: Uma abordagem relacional**. In: Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas / org. Cláudia Peixoto de Moura, Maria Immacolata Vassallo de Lopes. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2016.

FIGUEIREDO, Ana Karoline e Oliveira, Enderson. **Ensino Público, cibercultura e educomunicação: o Projeto “Tô Ligado!” e a transformação de estudantes em uma escola em Belém do Pará**. Acre, Revista Tropos. 2017

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1972

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24ª edição, São Paulo: Leituras Filosóficas, 2014.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução: Rosiska Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,

_____. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GABRIEL, Martha. **Educar: a revolução digital na educação**. São Paulo, Saraiva, 2013

GÓMEZ, Guilherme Orozco. **Educomunicação: Recepções midiáticas, aprendizagens e cidadania**. São Paulo, Paulinas, 2014

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SOARES, Ismar **Educomunicação: as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina**. In: LIMA, J. C.; MELLO, J. M. (Orgs.). **Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil (2012/2013)**. Brasília: Ipea, 2013

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação** São Paulo, Contexto, 2014

SODRÉ, Muniz. **Sobre a episteme comunicacional**. MATRIZES. N.1, São Paulo, outubro de 2007, p. 15-26;

VOLPI, Mário e PALAZZO, Ludmila. **Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo! Sistematização da Experiência em Educomunicação**,
Brasília, 2010 Disponível em
<https://www.unicef.org/brazil/pt/br_educomunicacao.pdf>